



A recepção da psicanálise no pensamento inicial de Piaget

The reception of psychoanalysis in Piaget's early work

La recepción del psicoanálisis en el pensamiento temprano de Piaget

Fátima Siqueira Caropreso
Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-8197-1479>
<http://lattes.cnpq.br/4298835641829762>
fatimacaropreso@uol.com.br

Resumo

No começo de sua carreira, Piaget possuía grande interesse pela psicanálise. Ele estudou psicanálise, foi analisado, realizou análises, frequentou congressos de psicanálise, e foi membro da “Sociedade Psicanalítica Suíça”. Em 1919, proferiu uma palestra, em Paris, sobre as tendências pedagógicas da psicanálise. Nela, discutiu pressupostos fundamentais da teoria freudiana, criticou alguns deles, e enfatizou a importância da psicanálise para a psicologia da inteligência e para a pedagogia. Embora existam muitas publicações que discutam as relações entre a teoria piagetiana e a psicanalítica, seus pontos de vista sobre a psicanálise no período inicial de sua carreira ainda não foram sistematicamente abordados nos estudos da área. O objetivo desse artigo é apresentar e discutir os pontos centrais da conferência de 1919, tendo em vista resgatar esse episódio pouco lembrado da história da psicologia e da educação e contribuir para o esclarecimento de como se deu a recepção da psicanálise por parte de Piaget.

Palavras-chave: Jean Piaget; Psicanálise; Pedagogia.

Abstract

Early in his career, Piaget had a great interest in psychoanalysis. He studied psychoanalysis, was analyzed, performed analyses, attended psychoanalytic conferences, and was a member of the "Swiss Psychoanalytic Society." In 1919, he delivered a lecture in Paris on the pedagogical trends in psychoanalysis. In this lecture, Piaget discussed fundamental assumptions of Freud's theories, criticized some of them, and stressed the importance of psychoanalysis for the psychology of intelligence and pedagogy. Even though many publications discuss the relationship between Piaget and psychoanalytic theory, his views on psychoanalysis in the early period of his career have not yet been systematically approached in Piagetian scholarship. The objective of this article is to present and discuss the main topics of the 1919 conference in order to rescue this little-remembered episode in the history of psychology and of education and to contribute to the understanding of how Piaget's reception of psychoanalysis took place.

Keywords: Jean Piaget; Psychoanalysis; Pedagogy.

Resumen

Al principio de su carrera, Piaget se interesó mucho por el psicoanálisis. Estudió psicoanálisis, se analizó, realizó análisis, asistió a congresos psicoanalíticos y fue miembro de la "Sociedad Psicoanalítica Suiza". En 1919, pronunció una conferencia en París sobre las tendencias pedagógicas del psicoanálisis. En él, discutía los supuestos fundamentales de la teoría freudiana, criticaba algunos de ellos y destacaba la importancia del psicoanálisis para la psicología de la inteligencia y para la pedagogía. Aunque hay muchas publicaciones que discuten la relación entre la teoría piagetiana y la psicoanalítica, sus puntos de vista sobre el psicoanálisis en el período inicial de su carrera aún no se han abordado sistemáticamente en los estudios de este campo. El objetivo de este artículo es presentar y discutir los puntos centrales de la conferencia de 1919, con el fin de rescatar este episodio poco recordado de la historia de la psicología y de la educación y contribuir al esclarecimiento de la recepción del psicoanálisis por parte de Piaget.

Palabras-clave: Jean Piaget; Psicoanálisis; Pedagogía.

Recebido: 05/06/2023

Aprovado: 16/09/2023

No início de sua carreira como pesquisador, Piaget apresentou um grande interesse pela teoria e pela prática psicanalíticas. Ele relata, em sua autobiografia (Piaget, 1976), que a saúde mental precária de sua mãe incitou seu interesse por essa disciplina. Segundo Vidal (2001), o contato inicial de Piaget com a psicanálise ocorreu a partir da palestra *Religião e psicanálise* proferida por Théodore Flournoy, em 1916, no encontro da *Associação de estudantes cristãos suíços*¹. No entanto, em sua autobiografia, Piaget diz que seu primeiro contato com a psicanálise se deu entre 1918 e 1919, quando passou seis meses em Zúrich, onde trabalhou nos laboratórios de Lipps e de Wreschener e também no hospital psiquiátrico Burghölzli (Piaget, 1976). Harris (1997) comenta que, nessa cidade, Piaget estudou psicologia experimental e assistiu às conferências de Eugen Bleuler, Carl Gustav Jung e Oscar Pfister. Na parte teórica do seu romance *Recherche*², publicado em 1918, ele já havia incorporado algumas hipóteses da escola de Zúrich e havia criticado conceitos freudianos, o que demonstra que o seu contato com a psicanálise precedeu sua estadia em Zúrich.

A Suíça foi o primeiro lugar, exterior a Viena, que assimilou a teoria de Freud (Delahanty, 2000). Haynal e Falzeder (2014) comentam que Bleuler, médico chefe do Burghölzli, a famosa clínica psiquiátrica de Zúrich, introduziu a psicanálise nessa instituição, recrutando uma equipe aberta a esta nova teoria e método, entre eles Jung. Em 1907, foi fundada uma "Sociedade Freud", cujas reuniões eram dedicadas exclusivamente à discussão de questões freudianas, e que teve entre seus membros Bleuler, Jung, Pfister e Claparède. O primeiro encontro internacional de psicanalistas, que ocorreu em 1908, em Salzburg, e foi organizado por Jung, reforçou os laços dos psicanalistas com Bleuler. Contudo, como lembra Harris (1997), em 1918, quando Piaget chegou em Zúrich, a situação tinha mudado consideravelmente. Freud e Jung já tinham rompido. Bleuler já tinha saído da *Associação Psicanalítica Internacional* e apenas Pfister permanecera ligado a Freud.

Em 1919, Piaget foi para Paris, onde passou dois anos na Sorbonne (Piaget, 1976). Nesse mesmo ano, como informa Vidal (1986), Theodore Simon o convidou para fazer uma palestra na *Sociedade Alfred Binet* sobre tendências pedagógicas da psicanálise.³

A conferência foi realizada em 15 de dezembro de 1919 e a sua versão publicada (Piaget, 1920a, 1920b) consistiu na primeira publicação de Piaget sobre psicologia. Nela, ele demonstra sua familiaridade com a teoria e a prática psicanalíticas, sua admiração por algumas das contribuições dessa disciplina, mas também sua visão crítica sobre conceitos centrais do pensamento freudiano. Em uma resenha de tal conferência, Pfister (1920) afirma que o movimento psicanalítico certamente podia esperar grandes contribuições de Piaget.

Essa relação de Piaget com a psicanálise no período inicial de sua carreira não é alvo de grande interesse pelos estudiosos de seu pensamento. Embora existam muitas publicações que discutam as relações entre a teoria piagetiana e a psicanalítica, a maior parte desses estudos abordam as relações conceituais entre o pensamento mais tardio de Piaget e hipóteses psicanalíticas. Nos estudos sobre história da psicanálise, esse encontro entre Piaget e a psicanálise também é muito pouco lembrado. Esse artigo tem como objetivo resgatar um pouco dessa história, apresentando e discutindo alguns pontos centrais da versão publicada da conferência que ele fez em 1919. Pretendemos, com isso, contribuir para o esclarecimento de como se deu a recepção da psicanálise por parte de Piaget.

¹ Como esclarece Cifali (1983), Flournoy foi uma figura central na introdução da psicanálise nos círculos de língua francesa. Ele estava ligado à escola de Zúrich, da qual fazia parte, entre outros, Eugen Bleuler, Carl Jung e Oskar Pfister.

² Esse livro é caracterizado por Piaget, em sua autobiografia, como um romance filosófico, cuja última parte continha suas ideias. Ele relata que resolveu escrever esse livro para expor suas ideias porque não admitia apresentar hipóteses sem o devido embasamento experimental, característica decorrente de seu contato prévio com a biologia. No entanto, reconhece que algumas das ideias presentes nesse texto, permaneceram na base de toda a sua teoria (Piaget, 1976).

³ Cifali (1983) comenta que, nessa época, a psicanálise era mais bem conhecida e mais seriamente discutida entre os acadêmicos de Genebra do que entre os de Paris.

A metodologia primária consistiu na análise interna, estrutural e conceitual, dos textos de Piaget *A psicanálise em suas relações com a psicologia da criança I* (Piaget, 1920a) e *A psicanálise em suas relações com a psicologia da criança II* (Piaget, 1920b). Como metodologia complementar, foi realizada uma pesquisa sobre as condições conjunturais em que esses trabalhos de Piaget foram elaborados. Para isso, foi usada a autobiografia de Piaget publicada em 1976, a entrevista com Piaget realizada por Jean-Claude Bringuier e publicada em 1977, alguns trabalhos de Fernando Vidal e outros textos que fornecem informações biográficas e contextuais sobre os anos iniciais da carreira de Piaget. A metodologia da pesquisa parte do pressuposto de que a pesquisa teórica não pode prescindir da contextualização histórica para ser conduzida com o necessário rigor, de forma que uma abordagem internalista e uma abordagem externalista devam ser conciliadas (Simanke & Caropreso, 2018).

A psicanálise em suas relações com a psicologia da criança

Piaget inicia sua apresentação *A psicanálise em suas relações com a psicologia da criança* (Piaget, 1920a) defendendo a necessidade de uma aproximação entre a psicanálise e psicologia da inteligência. Ele argumenta que a consciência e o inconsciente se misturam frequentemente de uma maneira inextricável, o que faz com que os limites entre essas duas disciplinas não sejam claros. Opor a psicanálise à psicologia da inteligência decorreria, em sua opinião, de uma simplificação do real, útil para os pesquisadores, mas supérflua, uma vez que os mecanismos que a psicanálise descobriu nos estudos dos sentimentos têm um efeito importante sobre o desenvolvimento da razão. Ele comenta que, embora a psicanálise já possuísse uma doutrina avançada sobre o inconsciente, o desenvolvimento intelectual estava sendo estudado por métodos métricos e sua correlação com o desenvolvimento inconsciente permanecia bastante desconhecida, de forma que as pesquisas que buscassem aproximar essas disciplinas seriam promissoras.

Piaget apresenta e discute o que, segundo ele, seriam os três postulados fundamentais da psicanálise freudiana: a hipótese de que os sonhos consistem em um sistema coerente de associações de ideias; a hipótese de que o inconsciente é ativo e capaz de influenciar a consciência; e a hipótese de que todo o inconsciente é de natureza sexual. Fica evidente, em sua exposição, sua aceitação de grande parte das concepções de Freud, mas também sua postura crítica. Ele recusa uma postura dogmática e defende que as ideias de Freud devem ser integradas a de outros autores, como Adler e Jung, para que uma teoria mais coerente fosse alcançada.

O primeiro princípio abordado é o de que “o sonho é uma narrativa simbólica sob cujas imagens encontramos os desejos (e medos) inconscientes do sujeito e, portanto, o núcleo dos seus conflitos psíquicos” (Piaget, 1920a, p.22). Piaget argumenta que os fios condutores da busca pelo conteúdo latente do sonho às vezes são hipotéticos, mas que os conflitos descobertos não o são e enfatiza que essa proposição não concerne apenas ao sonho, mas sim a todas as formas de pensamento não estritamente lógicas e objetivas.⁴ O pensamento da criança, o do doente dos nervos, do sonhador diurno, do artista, do místico, consistem em uma rede inextricável de associações de símbolos, na qual a única lógica é a dos sentimentos. Esse seria o caso também do que Lévy-Bruhl nomeou pensamento pré-lógico, cuja principal característica nos primitivos é sua união com a magia. Entre o simbolismo, que ignora os nexos lógicos, e a magia, que ignora as cadeias naturais, haveria apenas uma diferença de material, argumenta o autor.

⁴ Essa concepção psicanalítica sobre os sonhos é ilustrada com um sonho que, segundo Vidal (1986), é do próprio Piaget.

Piaget (1920a) ressalta que a psicanálise prestou um grande serviço ao mostrar a unidade fundamental dessas maneiras de pensar; ao mostrar que todas elas são regidas pelas mesmas leis dos sonhos. Ele propõe que essa atividade geral do espírito que, diferentemente do pensamento científico, é estritamente pessoal e incomunicável, seja denominada pensamento autístico ou pensamento não dirigido, como havia proposto Bleuler (1911/1950). Tal forma de pensamento permaneceria essencial em cada um de nós, ao longo das nossas vidas, e apenas sua função mudaria com a idade.

Em “O pensamento simbólico e o pensamento da criança” (Piaget, 1923)⁵, Piaget volta a dizer que “é um mérito da psicanálise ter mostrado a identidade entre os sonhos, os sonhos diurnos, a imaginação artística, mística e mitológica, os delírios, etc.” (p.18). Ele propõe que esse tipo de pensamento seja denominado simbólico, como propôs Freud, ou autista, como propôs Bleuler. Nesse texto, no entanto, o pensamento da criança deixa de ser incluído nessa categoria do pensamento autístico ou simbólico. A partir de pesquisas realizadas no *Instituto Jean Jacques Rousseau*, Piaget conclui que o pensamento da criança é intermediário entre o autístico e o do adulto.

O segundo princípio fundamental da psicanálise, discutido na conferência de 1919, é o de que o inconsciente é ativo e dotado de um poder capaz de influenciar a consciência sem que ela perceba. Piaget explica que, de acordo com a teoria freudiana, as tendências do inconsciente que agem sobre a consciência poderiam escapar ao controle dessa última. Elas poderiam se manifestar na consciência, desde que conseguissem passar por uma censura preexistente, que dissimulasse sua natureza real sob o simbolismo do pensamento autístico⁶. Dessa forma, haveria um antagonismo entre a consciência e o inconsciente, o qual seria uma consequência do que, segundo ele, seria o terceiro postulado fundamental da psicanálise: a hipótese de que todo o inconsciente é de natureza sexual e de que há apenas um tipo de energia psíquica, a libido.

Piaget apresenta a hipótese freudiana do complexo de Édipo e da sexualidade infantil e a justifica a partir de sua própria experiência. A necessidade de praticar psicanálise para poder compreendê-la é enfatizada pelo autor. Em relação ao complexo de Édipo e de Elektra, ele afirma que podemos duvidar a priori da generalidade desses complexos elementares e confessa que, por um longo tempo, ele mesmo duvidou, mas os fatos o convenceram. De cinco sujeitos que analisou, quatro teriam apresentado desejos incestuosos. Além disso, os experimentos com associações de ideias teriam revelado a presença, em todos os amores, da imagem maternal inconsciente.

Apesar de aceitar a existência do Complexo de Édipo, Piaget critica a suposição de Freud de que esse complexo é unicamente proveniente do instinto sexual. Ele afirma que é inegável que a doutrina freudiana seja de grande interesse, pois ela coloca problemas novos, é de uma riqueza considerável e é um valioso método de investigação. No entanto, considera necessário questionar o princípio que parece constituir sua força, o pansexualismo:

⁵ Esse texto consiste na apresentação, com algumas modificações, que Piaget fez em 1922, no *Congresso Internacional de Psicanálise*, de Berlim

⁶ Piaget diz que seria interessante tentar estabelecer um coeficiente de consciência pessoal, que permitisse determinar o nível de censura presente nos pensamentos oníricos. Ele sugere que essa determinação poderia ser buscada através das associações, do grau do seu simbolismo e da abundância de intermediários entre o objecto de sonho e seu conteúdo manifesto.

Há alguma coisa de maníaco em querer remontar ao instinto sexual certas tendências que parecem, não obstante, mais primitivas, como a revolta de um filho contra seu pai, muitas vezes feita de simples instinto de conservação. Contudo, o pansexualismo tem um mérito que é o de mostrar que na psicologia, como em outros lugares, tudo está em tudo. Nenhuma parte da vida psíquica não está em relação com o todo da personalidade. Mas reduzir todo complexo a uma única tendência fundamental é levantar dificuldades intransponíveis. (Piaget, 1920a, p.34)⁷

Piaget reconhece que as perturbações do desenvolvimento da criança são grandemente iluminadas pelas teorias de Freud e de seus seguidores e afirma ser um mérito da psicanálise investigar o pensamento simbólico e mostrar que o mesmo está na base dos sonhos, dos delírios e de outras manifestações psíquicas. No entanto, manifesta sua discordância a respeito do pressuposto de que esse tipo de pensamento consiste sempre em uma manifestação disfarçada de conteúdos de natureza sexual, o que implicaria em que houvesse um antagonismo entre o inconsciente e a consciência, o qual estaria apoiado em um pansexualismo. Assim, ele considera que a teoria freudiana da sexualidade e do Complexo de Édipo são de grande valia, mas que não é possível aceitar a suposição de que a libido é o único motor desse último fenômeno e dos processos psíquicos em geral. As hipóteses de Adler e da Escola de Zurich, em certa medida, escapariam desse equívoco, em sua opinião, o que o leva a propor que seja necessário rever alguns dos pressupostos da teoria de Freud e integrar as teorias desses autores.

A alternativa de Adler e da escola de Zürich

Piaget encontra nas teorias de Adler e da escola de Zürich hipóteses que lhe parecem permitir superar algumas das dificuldades da teoria freudiana, inclusive o suposto pansexualismo nela presente, embora também considere haver limitações nessas teorias.

Ele aponta que o conceito freudiano de sublimação conduz a uma concepção paradoxal, segundo a qual tudo o que é moral na civilização vem da censura da sexualidade, ao passo que a censura vem da civilização. A sublimação seria um compromisso entre as exigências dos instintos inconscientes, por um lado, e a censura, por outro, a qual impediria o instinto de se manifestar como sexual, o obrigando a vestir-se com um envelope simbólico, que constitui o pensamento autista. Dessa forma, Piaget considera que “o autismo é um produto do inconsciente, que satisfaz a condição de remover o caráter sexual do amor” (Piaget, 1920b, p.53). No entanto, como a própria censura seria um produto da repressão, e como a repressão resultaria da vontade moral, a qual consistiria, por sua vez, em uma consequência da sublimação, a seguinte circularidade estaria presente na concepção de Freud: a censura entre o inconsciente e o consciente é um produto da repressão, a qual, por sua vez, resulta da vontade moral. No entanto, a vontade moral é uma consequência da sublimação e é ela que leva à censura. Ou seja, a repressão produz a censura, que leva à sublimação, da qual resulta a vontade moral, que é a causa da repressão.

Ao recusar o pansexualismo, Adler teria conseguido escapar dessa circularidade. Piaget (1920b) explica que, de acordo com a teoria adleriana, na origem de todo o trabalho do inconsciente, tanto nas pessoas saudáveis como nos psiconeuróticos, haveria um sentimento de insuficiência orgânica ligado a um órgão em particular ou a uma constituição frágil. Essa

⁷ Essa crítica já havia sido apresentada em “Recherche” (Piaget, 1918). Nesse livro, a partir da história de seu personagem, ele busca sustentar que o instinto sexual não pode ser a base de toda a vida mental.

concepção é por ele considerada incontestável para a infância, uma vez que a criança sofre necessariamente de uma sensação de inadequação devido à sua fragilidade física, à sua falta de adaptações psíquicas estáveis, ou devido às comparações incessantes que faz entre ela e os mais velhos. A criança teria uma nostalgia, não do passado, como em Freud, mas do futuro, uma vez que apesar do desenvolvimento psíquico ela perceberia que não se encontra na idade ideal, que seria a fase adulta. Dessa sensação de incompletude, surgiria uma compensação, o desejo de crescer, o qual seria proporcional à sensação de insuficiência. Como consequência, a criança apresentaria um alastramento de imaginações, de autismo, o qual visaria forjar um mundo ideal, no qual ela pudesse desempenhar o papel que desejasse. Piaget aponta que essa fase corresponde ao narcisismo descrito por Freud (1914/1998), contudo, de acordo com a teoria adleriana, o seu motor não seria a sexualidade, mas sim a vontade de poder. Os instintos danificados seriam os mais férteis do ponto de vista imaginativo. Com essas hipóteses, Adler teria proposto uma ideia original sobre a gênese do pensamento simbólico⁸.

Dessa forma, Adler teria rompido o círculo vicioso, presente na teoria de Freud, ao substituir a sexualidade pela vontade de poder ou de conservação. Essa vontade, diz Piaget, “liberta o inconsciente em direção a ambição e aos desejos de domínio, mas também é capaz de os sublimar em direção aos valores e de constituir a vontade moral, a repressão e a censura” (Piaget, 1920b, p.53). Contudo, ele considera que se coloca para a teoria de Adler a questão acerca de qual seria a relação entre a vontade de poder e a consciência. Ou a última sempre preponderaria sobre a primeira e seria capaz de a dirigir, ou não existiria qualquer antagonismo entre elas. Segundo ele, a oposição entre a consciência e o inconsciente, defendida por Adler e por Freud, ocultaria uma verdade psicológica, a saber, a continuidade existente entre essas duas instâncias.

Piaget reconhece que a teoria de Adler parece pressupor uma tendência evolutiva incompatível com a teoria freudiana, no entanto, defende que essas concepções deveriam se sobrepor ao freudismo, em vez de serem dele excluídas. Para ele, haveria um acordo íntimo entre as ideias de Adler e o que está correto em Freud e uma terceira doutrina seria necessária para conciliar estas duas vertentes do pensamento psicanalítico. Essa terceira doutrina, em sua opinião, poderia ser encontrada na Escola de Zúrich, cujo líder era Jung⁹. Em especial a concepção junguiana de libido teria potencial para propiciar essa reconciliação, embora ainda não a tivesse realizado.

Após apresentar algumas hipóteses básicas do pensamento de Bleuler e de Jung, Piaget explica que, para a escola de Zúrich, o inconsciente não pode ser reduzido apenas ao instinto sexual, assim como não pode satisfazer o esquema demasiadamente simples de Adler. A libido é concebida como uma energia neutra que pode assumir diferentes formas, assim como a energia física é, às vezes, calor, às vezes, eletricidade. Assim, está presente nessa teoria tanto uma recusa do pansexualismo, como da ideia de Adler de que a vontade primitiva de poder está na base de todos os fenômenos mentais. O autor enfatiza, contudo, que, apesar desse potencial conciliatório, até então tinha ocorrido apenas uma justaposição de doutrinas, pois uma real conciliação exigiria uma reelaboração dos mecanismos freudianos. Embora a escola de Zúrich já tivesse se colocado essa tarefa, ela ainda não a teria realizado, de forma que seria necessário esperar para ver o resultado desse trabalho.

⁸ Piaget explica como Adler concebe os fenômenos ligados à sexualidade infantil, o complexo de Édipo, a repressão, o surgimento de perturbações psicológicas, os sonhos, todos os quais seriam movidos, em última instância, pela vontade primitiva de poder. Várias possibilidades de aplicação dessa teoria aos comportamentos infantis são mencionadas.

⁹ Piaget ressalta que o grupo da Escola de Zúrich não deve ser confundido com o conjunto dos psicanalistas de Zúrich e esclarece que Pfister, um dos mais eminentes psicanalistas dessa cidade, continuava sendo um freudiano convicto.

Apesar de apresentar suas críticas, Piaget argumenta que as lacunas e equívocos da teoria freudiana podiam ser justificados pelo estágio em que se encontrava tal conhecimento. Na seguinte passagem, esse posicionamento fica claro:

Não há nenhum dos esquemas que empregam – libido, repressão, censura, sublimação, simbolismo – que não pareça ser de uma certa pobreza psicológica ou equívoco. Será isto um mal? Sem dúvida não, até agora. É um privilégio para uma doutrina poder começar no caos, devido à riqueza dos fatos que ela trouxe à luz. A clarificação virá no seu próprio tempo. Como Kronfeld, o autor que mais claramente julgou a psicanálise, observou, os seguidores de Freud tiveram até agora outras coisas a fazer além de esclarecer os seus esquemas. O seu objectivo tem sido prático e a sua atenção tem sido dirigida principalmente a indivíduos. Pouco importa para o médico que a sublimação seja um mecanismo mal definido se ela funcionar. Não devemos, portanto, tropeçar nesses déficits; devemos fazer deles novos problemas (Piaget, 1920b, p.52).

Assim, as lacunas e inconsistências da teoria de Freud seriam naturais na etapa em que se encontrava o desenvolvimento dessa disciplina. Piaget manifesta sua crença de que esses déficits viessem a ser superados com o prosseguimento das investigações psicanalíticas. Apesar de considerar que a psicanálise se encontrava em um estágio inicial ainda repleto de lacunas e imprecisões, ele reconhece que ela já possuía contribuições significativas para a psicologia infantil.

As aplicações da Psicanálise à psicologia infantil

Além de discutir questões teóricas da psicanálise, Piaget também discute sua aplicação à psicologia infantil. Como dissemos no início do texto, ele defende que um dos méritos da psicanálise é a possibilidade de aplicar o método psicanalítico à psicologia afetiva da criança e ao estudo da inteligência. As possíveis contribuições da psicanálise à essa última área, em especial, teriam sido bastante negligenciadas devido à falta de interesse dos pesquisadores do tema pelos mecanismos fundamentais da vida inconsciente. Ele diz acreditar que o conhecimento fornecido pela psicanálise é capaz salvar a pedagogia.

Em relação à psicologia afetiva, Piaget afirma que a psicanálise é rica em aplicações práticas, pois pode fornecer tanto um método de investigação como um método terapêutico para os distúrbios nervosos e sexuais da infância. Apesar de ser mais difícil penetrar na mente de uma criança do que na de um adulto – uma vez que este fala e entrega-se a si próprio, ao passo que a criança não compreende o que se quer dela –, o efeito da análise é muito mais rápido na criança, pois sua alma é tão móvel que nenhum complexo está isolado ou profundamente enraizado, comenta o autor. Ele ressalta que, na análise de crianças, a compreensão do ambiente em que a mesma está inserida é essencial, pois ela reage apenas em estreita união com este, diferentemente do adulto que cria um ambiente interno, ao retirar-se para dentro de si mesmo, ou consegue dominar o seu meio externo.

A psicanálise teria uma importância vital também do ponto de vista moral, para Piaget. Ele explica que o caráter infantil tem dois pólos – a obediência e a revolta, do ponto de vista da teoria de Adler, ou o amor e o ódio, do ponto de vista da teoria freudiana do complexo de Édipo –, entre os quais oscila toda uma gama de possíveis nuances. No passado, a criança teria sido aprovada ou punida de um ponto de vista extremamente simplista e brutal, o da culpa pura e simples. No entanto, a psicanálise teria trazido uma lição completamente diferente, ensinando os educadores a estimar e curar, de acordo com complexos inconscientes pelos quais a criança é frequentemente apenas ligeiramente responsável.

O autor comenta sobre a possibilidade de que falhas na repressão ao longo do desenvolvimento infantil provoquem psiconeuroses e defende que a educação desempenha nisso um papel capital, pois a menor deficiência por parte dos pais ou educadores pode acentuar os efeitos dessas falhas. Em sua opinião, na educação, a punição deveria ser substituída pela compreensão, pois uma revolta ou um ódio não desaparecem se a criança é simplesmente castigada, mas, ao contrário, crescem em profundidade¹⁰. Ele enfatiza também que a compreensão da transferência é essencial, uma vez que, com frequência, ela faz com que o professor se torne um símbolo do pai, de forma que o estudante dirija a eles seus desejos não satisfeitos e sua revolta.

Piaget enfatiza que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência, pois sem ele não haveria interesses, necessidades, nem motivação, conseqüentemente, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. A afetividade seria, assim, uma condição necessária para a constituição da inteligência, embora não fosse condição suficiente. Devido a essa importância dos afetos, ele diz acreditar que “a psicanálise está convocada a ter certo futuro no estudo da inteligência. Ela, aliás, já fez muito ao provar a constância dos processos de simbolismo em todas as variedades do pensamento autista” (Piaget, 1920b, p.56).

A importância de investigar as relações entre o estudo da inteligência e a vida autista ou inconsciente em cada indivíduo é enfatizada na seguinte passagem:

Que interesse, por exemplo, não teria Binet em conhecer a vida inconsciente de Armande e Marguerite, os dois sujeitos do *seu Estudo Experimental de Inteligência*, dos quais se recordará que o primeiro era de tipo mais imaginativo e subjetivo, e o segundo mais observador e concreto. Obviamente, estas duas reviravoltas de espírito não aconteceram sem que Armande tivesse um inconsciente mais dependente, em relação ao seu próprio passado, mais introvertido, e Marguerite um inconsciente mais libertador. Pode-se constatar, a partir disso, quão importante teria sido essa relação se as associações de ideias resultantes dos seus sonhos tivessem sido objeto de uma análise minuciosa (Piaget, 1920b, p.58).

Souza (2011) comenta que as hipóteses de Piaget sobre as relações entre afetividade e inteligência estão “para além de uma visão dicotômica sobre o ser humano, uma vez que propõe relações de correspondência entre a evolução cognitiva e a afetiva, superando as formulações causais e de complementaridade de outras abordagens” (p. 252). Essa relação indissociável entre cognição e afetividade, sustentada por Piaget, foi posteriormente enfatizada por vários pesquisadores, como Panksepp (1998), Damásio (2000) e Kernberg (2011).

A crítica de Piaget à teoria freudiana

A exposição que Piaget faz da teoria de Freud apresenta algumas imprecisões e equívocos, que comprometem sua legitimidade em alguns pontos. Em sua exposição do conceito de inconsciente, em especial, ele apresenta uma visão parcial da teoria de Freud pois, em nenhum momento de sua obra, esse último autor sustentou que o inconsciente é inteiramente de natureza sexual e que o instinto sexual é o único motor da atividade psíquica, como ele afirma.

¹⁰ Um caso analisado por Pfister é mencionado para exemplificar esse aspecto.

Desde sua primeira teoria do aparelho psíquico, apresentada inicialmente no livro “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/1998), o conteúdo de natureza sexual reprimido comporia apenas parte do sistema inconsciente. Já nesse texto, ele defende que há um núcleo do inconsciente que é constituído por impulsos que nunca se tornaram pré-conscientes e, portanto, não foram alvo da repressão, mecanismo esse entendido, nesse momento, como algo que exclui do campo do psiquismo passível de consciência, o pré-consciente, representações e impulsos que produzem conflito e desprazer (Caropreso, 2010). Além disso, a teoria pulsional freudiana pressupõe um dualismo desde suas origens. Segundo as hipóteses defendidas por Freud antes da publicação de *Além do princípio do prazer*, haveria no psiquismo duas classes de pulsões, as egoicas e as sexuais, as quais estariam em oposição e seriam os motores dos processos mentais. No entanto, em 1919, esse dualismo pulsional já apresentava uma série de contradições que dificultavam sua defesa e, dessa forma, apontavam no sentido da necessidade de supor um monismo, hipótese essa veemente recusada por Freud em toda a sua obra. Esses impasses o levaram a reformular sua teoria e a introduzir o segundo dualismo pulsional, entre as pulsões de vida e as de morte, em 1920. Tendo isso em vista, não sabemos se a afirmação de Piaget de que a psicanálise freudiana é pansexualista se deve a uma compreensão equivocada dessa teoria ou se ele faz tal acusação por estar consciente dos problemas apresentados pelo primeiro dualismo pulsional. Apesar disso, de fato, o Complexo de Édipo era compreendido por Freud como decorrendo exclusivamente das pulsões sexuais, como alega Piaget em sua crítica a tal conceito. Portanto, nesse último aspecto, sua crítica procede.

Também não parece precisa a interpretação de Piaget, em sua apresentação de 1919, de que haveria, necessariamente, uma oposição entre o consciente e o inconsciente na teoria freudiana. Do ponto de vista do inconsciente reprimido, essa afirmação é correta, no entanto, desde o início de sua teoria do inconsciente, Freud sustenta que a diferenciação entre o inconsciente e o pré-consciente/consciente consiste na diferenciação entre dois tipos de processos, os primários e os secundários, e que essa diferenciação ocorre, em primeiro lugar, devido à impossibilidade do primeiro tipo de processo de permitir a sobrevivência e a adaptação ao mundo externo. No artigo metapsicológico *O inconsciente*, publicado em 1915, ele afirma que a diferenciação entre inconsciente e pré-consciente decorre da constituição de representações de palavras e que são essas últimas representações que possibilitam a organização lógica das ideias, a presença de temporalidade, entre outras das características do pré-consciente¹¹. Desse ponto de vista, portanto, não haveria entre o inconsciente e o consciente necessariamente uma oposição.

Em 1923, no texto *O pensamento simbólico e o pensamento da criança*, Piaget reconhece que na teoria freudiana o inconsciente e o consciente não estão necessariamente em oposição, pois está presente nessa teoria uma concepção de inconsciente, segundo a qual este consistiria em uma forma mais primitiva de funcionamento mental. O pensamento com palavras e conceitos seria precedido por um pensamento com imagens desarticulado, um pensamento pré-conceitual, que consistiria em uma forma mais primitiva de funcionamento mental. Nesse momento, portanto, Piaget apresenta uma interpretação mais precisa da teoria freudiana.

Cifali (1984) comenta que as reflexões de Piaget sobre a psicanálise ilustram como ocorreu o ingresso da psicanálise na Suíça, onde ela foi recebida inicialmente pelos intelectuais protestantes liberais, incluindo pastores e educadores, para os quais a religião tinha que ser discutida em termos diferentes daqueles do materialismo de Freud. Vidal (1994) também ressalta que a recepção inicial da psicanálise por parte de Piaget trouxe a marca da

¹¹ Essa ideia de que o pré-consciente é organizado de acordo com representações de palavras já estava presente na teoria metapsicológica de *A interpretação dos sonhos*. No texto, de 1915, *O inconsciente*, Freud especifica que é a constituição das representações de palavras que promove a diferenciação entre os processos primários e os secundários.

escola de Zürich, o que é evidenciado, entre outras coisas, por sua crítica ao pansexualismo freudiano. Schepeler (1993) sugere que o conhecimento de Piaget sobre a psicanálise talvez tenha sido apenas de segunda mão e aponta que sua crítica à psicanálise ecoa aquela dos principais comentadores suíços contemporâneos, tais como Flournoy e Jung. Em sua autobiografia, Piaget (1976) relata que lia Freud e a revista *Imago* e que ocasionalmente assistia palestras de Jung e Pfister.

O posicionamento posterior de Piaget sobre a psicanálise

Em 1920, Piaget se tornou membro da *Sociedade Psicanalítica Suíça*, na qual permaneceu até 1936 (Vidal, 1986). Em seus textos publicado no começo da década de 1920, em especial nos textos “O pensamento simbólico e o pensamento da criança” (1923) e “A linguagem e o pensamento da criança” (1923), ele inclui vários conceitos psicanalíticos em sua teoria. Nesses anos, mantém contato, no *Instituto Jean Jacques Rousseau*, com a psicanalista russa Sabina Spielrein, a qual, inclusive, o analisou durante oito meses. Spielrein, na época, investigava o pensamento e a linguagem das crianças, assim como Piaget, e há evidências de que houve uma influência recíproca entre eles (Santiago-Delefosse & Delefosse, 2002; Vidal, 2001). Em 1922, ele participou do *Congresso Internacional de Psicanálise* de Berlim, ao lado de Spielrein, onde apresentou um trabalho sobre o pensamento simbólico, na presença de Freud. Em uma carta de 1922 ao psicanalista de Genebra Raymond de Saussure, Freud (1986) diz que esperava que Piaget lhes explicasse, no congresso de Berlim, as inúmeras vantagens de seu projeto.

Schepeler (1993) comenta que, em entrevista realizada por Evans em 1981, Piaget relatou que Freud estava sentado ao seu lado durante sua apresentação e que a audiência, que consistia em freudianos devotos, não olhava para ele, mas olhava apenas para Freud para ver se ele estava ou não apreciando a conferência¹². Esse foi um encontro histórico de dois gigantes, cuja plateia conhecia apenas um. A grandeza de Piaget foi ignorada. Esse tipo de reação do meio psicanalítico parece ter sido um dos fatores que levaram Piaget a se distanciar da psicanálise. Sua independência, originalidade e grandeza intelectual, jamais lhe permitiriam permanecer na posição submissa, muitas vezes esperada dos discípulos de Freud.

Como se sabe, Piaget acabou se afastando da psicanálise nos anos que se seguem. Apesar de continuar reconhecendo a importância do plano afetivo para o desenvolvimento cognitivo, em sua obra posterior, ele passou a focar apenas esse último. Em sua autobiografia (Piaget, 1976), ele relata que, embora o estudo da psicanálise e da psicologia patológica, o tenha ajudado a alcançar independência e a expandir o seu lastro cultural, ele não sentiu nenhum desejo de se aprofundar naquela direção específica, preferindo sempre estudar a normalidade e os trabalhos do intelecto, em vez do inconsciente. Vidal (2001) comenta que Piaget nunca se colocou inteiramente no campo da psicanálise e perseguiu um objetivo epistemológico, procurando se limitar ao estudo do pensamento objetivo e de seu progresso.

Em entrevista realizada em 1969, Bringuier (1977) lhe pergunta se ele se ocupa da evolução do ser humano e das fases apenas do ponto de vista da inteligência, sem levar em consideração o plano afetivo. Piaget concorda com essa afirmação e diz que isso se deve ao fato de que o plano afetivo não o interessa. A seguinte justificativa é dada para essa posição:

¹² Vidal (2001) comenta que, em uma resenha da “Associação de estudantes suíços cristãos” sobre a conferência que Piaget proferiu no congresso de 1922, ele foi chamado de “mestre da psicanálise”.

Este problema não me interessa como científico, porque não é um problema do conhecimento, que é de meu interesse especial, e depois, porque todas as teorias que se têm feito sobre a afetividade, me parecem extremamente provisórias, aguardando que os fisiologistas nos dêem explicações endocrinológicas precisas. (p.71)

Na continuidade da entrevista, Piaget diz que “é inteiramente evidente que, para que a inteligência funcione, é preciso um motor, que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva, é o móvel de tudo” (Bringuier, 1977, p. 71-72). Ele prossegue sua justificativa dizendo que, no estudo dos sentimentos, quando se encontram estruturas, são estruturas de conhecimento. Nos sentimentos de afeição mútua, por exemplo, há um elemento de compreensão, de percepção, que é cognitivo. Nas condutas, há uma estrutura da conduta e uma energética da conduta, há o motor e o mecanismo, e seu interesse é pela estrutura. Essa questão é retomada em entrevista realizada alguns anos depois, em 1975 e 1976, em um contexto em que Piaget é questionado sobre seu interesse e suas opiniões sobre a psicanálise. Ele comenta:

não tenho razão para me ocupar de problemas afetivos, mas não é por discordar, é por distinção, diferenciação de interesses, não é meu domínio, e de uma maneira geral, eu tenho vergonha de dizer, eu me interessou pouco pelos indivíduos, pelo individual, eu me interessou pelo que é geral no desenvolvimento da inteligência e do conhecimento, enquanto que, uma psicanálise, é, por essência, uma análise das situações individuais, dos problema individuais etc.(p.123).

Na continuidade, Piaget diz que, apesar disso, está sempre interessado em psicanálise e comenta que, há três ou quatro anos, havia feito uma conferência sobre o inconsciente afetivo e o inconsciente cognitivo¹³. Ele relata que, nessa conferência, argumentara que grande parte do trabalho cognitivo do indivíduo, do trabalho de resolução de problemas, permanece inconsciente quando a ação é bem sucedida, de forma que a tomada de consciência é bem posterior à própria ação; o indivíduo só lança mão da tomada de consciência quando tem necessidade dela. Ele comenta que quando um indivíduo, seja uma criança ou um cientista, constrói um conceito e uma teoria, há uma tendência para rejeitar inconscientemente o que não se encaixa bem no seu sistema e diz que essa rejeição é, em certo sentido, o equivalente cognitivo da repressão freudiana. Nessa mesma entrevista, Piaget afirma que está de acordo com Freud sobre as linhas gerais da sua teoria e que sua discordância se refere às interpretações dos detalhes.

Considerações Finais

A opinião de Piaget, em sua conferência de 1919, é de que a psicanálise trouxe à luz fatos de imenso valor, contudo, ela não possuía ainda uma teoria suficientemente elaborada e cientificamente fundamentada para sustentar suas conclusões. Ele argumenta que isso não era um mal, e sim uma etapa da construção do conhecimento, que deveria ser superada à medida que o mesmo progredisse. Assim, ele encontra muitos méritos na psicanálise e manifesta sua crença de que tal disciplina se encontrasse em seu início e viesse a se consolidar futuramente, entre outras coisas, a partir de uma integração de hipóteses propostas por vários teóricos, que pertenciam naquele momento a grupos divergentes, como Freud, Jung e Adler.

¹³ Souza (2014) comenta que nessa conferência (Piaget, 1954) está presente a exposição mais completa de Piaget sobre a relação entre a cognição e a afetividade.

Como se sabe, essa integração almejada por Piaget nunca ocorreu. A psicanálise manteve uma postura dogmática e não caminhou no sentido da construção de uma teoria empiricamente embasada. A defesa de que ideias de autores rivais fossem integradas nunca seria vista com bom olhos pelo movimento psicanalítico ou pelos adeptos de Jung e de Adler. O antidogmatismo de Piaget e sua crença de que as teorias psicológicas deveriam conter modelos formalizados, baseados na experimentação, jamais lhe permitiriam permanecer no campo psicanalítico. Vidal (1986) comenta que, na relação de Piaget com a psicanálise, “a consideração das origens afetivas e intelectuais, se mesclam de forma inextricável, com uma crítica filosófica, psicológica e fundamentalmente moral de tudo o que envolve as “malícias do inconsciente” (p. 187).

Mesmo que a apropriação da psicanálise por Piaget tenha sido, em algum medida, de segunda mão, ou que ele tenha feito uma leitura da teoria freudiana enviesada, em alguns pontos, pelas visões da Escola de Zúrich, é de grande relevância a discussão que ele faz, os méritos que ele aponta existir nessa disciplina, a ênfase que ele coloca na importância do conhecimento psicanalítico para a pedagogia e na necessidade de levar em consideração os processos inconscientes nas investigação do desenvolvimento cognitivo. As críticas que ele endereça à psicanálise também trazem reflexões interessantes, principalmente no que se refere ao dogmatismo dessa disciplina. Sem dúvida, esse é um episódio da história do pensamento de Piaget e da psicanálise que merece ser lembrado.

Referências

- BLEULER, E. (1950). *Dementia Praecox or the group of Schizophrenias*. New York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1911).
- BRINGUIER, J.C. (1977). *Conversations libres avec Jean Piaget*. Editions Robert Laffont.
- CAROPRESO, F. (2010). *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Anna Blume.
- CIFALI, M. (1983). Théodore Flournoy, la découverte de l'inconscient. *Le Bloc-notes de La psychanalyse*, 3, 111-131.
- CIFALI, M. (1984). La femeaux couteaux de Lichtenberg. *Le Bloc-notes de La psychanalyse*, 4, 171-188.
- DAMÁSIO, A.R. (2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Companhia das Letras.
- DELAHANTY, G. (2000). Piaget y la atmósfera psicoanalítica de Ginebra. *Subjetividad y cultura*, 15, 102-107.
- FREUD, S. (1915). Lo inconciente. In *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14, p. 153-214. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1914)
- FREUD, S. (1986). Letter of Sigmund Freud to Raymond de Saussure, 3 July 1922. *Le Bloc notes de la psychanalyse*, 6, 191-2.
- FREUD, S. (1998). Introducción del narcisismo. In *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14, p.65-98. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1914)
- FREUD, S. (1998). La interpretación de los sueños. In *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 5. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1900)

- HARRIS, P. (1997). Piaget in Paris: From “Autism” to Logic. *Human Development*, 40(2), 109-123. DOI: <https://doi.org/10.1159/000278711>
- HAYNAL, A.; FALZEDER, E. (2014). Les Suisses. La psychanalyse en Suisse: une histoire agitée, *Le Coq-Héron*, 218, pp. 11-19. DOI: <https://doi.org/10.3917/cohe.218.0011>
- KERNBERG, O. (2011). The concept of death drive: a clinical perspective. In S. Akhtar & M.K. O’Neil (orgs.). *On Freud’s Beyond the pleasure principle* (pp. 173-190). Karnac.
- PANKSEPP, J. (1998). *Affective Neuroscience*. Oxford University Press.
- PFISTER, O. (1920). Review of Jean Piaget's article 'La psychanalyse dans ces rapports avec la psychologie de l'enfant'. *Imago*, 6, 294-295.
- PIAGET, J. (1918). *Recherche*. Lausanne: Imprimerie la Concorde.
- PIAGET, J. (1920a). La psychanalyse dans ses rapports avec la psychologie de l’enfant. *Bulletin mensuel de La Société Alfred Binet*, 20(131), 18-34.
- PIAGET, J. (1920b). La psychanalyse dans ses rapports avec la psychologie de l’enfant (II). *Bulletin mensuel de La Société Alfred Binet*, 20(132-133), 41-58.
- PIAGET, J. (1923). La pensée symbolique et la pensée de l’enfant. *Archives de psychologie* 18(72), 273–303.
- PIAGET, J. (1954). Les relations entre l’affectivité et l’intelligence dans le développement de l’enfant. *Bulletin de Psychologie*, 7, 69-71; 143-150; 522-523. DOI: <https://doi.org/10.3406/bupsy.1954.6296>
- PIAGET, J. (1976). Autobiographie. *Revue européenne des sciences sociales*, 14, 1-43.
- SANTIAGO-DELEFOSSE, M.; DELEFOSSE, J.M. (2002). Spielrein, Piaget and Vygotsky. Three positions on child thought and language. *Theory & Psychology*, 12(6) 723-747. DOI: <https://doi.org/10.1177/0959354302126001>
- SCHEPELER, E.M. (1993). Jean Piaget’s experiences on the couch: some clues to a mystery. *International Journal of Psycho-Analysis*, 74, 255-273.
- SIMANKE, R. T. & CAROPRESO, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In L. Fulgêncio, J. Birman, D. Kupermann & E. L. Cunha (Eds.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos* (pp. 55-68). Editora Zagodoni.
- SOUZA, M.T.C.C. (2011). As relações entre afetividade e inteligência do desenvolvimento psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 27(2), 249-254. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>
- VIDAL, F. (1986). Piaget et la psychanalyse: premières rencontres. *Le bloc-notes de la psychanalyse*, 6, 171-189.
- VIDAL, F. (1994). *Piaget Before Piaget*. England: Harvard University Press.
- VIDAL, F. (2001). Sabina Spielrein, Jean Piaget—going their own ways. *Journal of Analytical Psychology*, 46(1), 139-153. DOI: <https://doi.org/10.1111/1465-5922.00220>